

Resenha Bibliográfica I

Arnaldo Mazzei Nogueira

Professor da FEA-USP e da FEA-PUC-SP

RODRIGUES, Iram Jácome. *Sindicalismo e Política: A Trajetória da CUT*. São Paulo: Scritta/FAPESP, 1997.

O FUTURO DA CUT

O livro "*Sindicalismo e Política: A Trajetória da CUT*", de Iram Jácome Rodrigues, publicado pela editora Scritta com apoio da FAPESP, é bastante oportuno e de leitura obrigatória para os pesquisadores e militantes do movimento sindical brasileiro.

Em 1997, chamou a atenção o evento do VI Congresso da CUT, ocorrido em São Paulo entre 13 e 17 de agosto. Eram enormes os desafios, como amplamente divulgado pela grande imprensa, devido ao acirramento da disputa entre as tendências sindicais pela hegemonia na direção executiva nacional da CUT.

Um dos méritos do livro em destaque é oferecer ao leitor uma visão histórica, sistemática e de processo, aspectos decisivos para entender a trajetória da CUT e os seus desafios atuais e futuros. A obra de Jácome Rodrigues, resultado de uma tese de doutorado defendida na USP em 1993, contém quatro partes e uma conclusão final. Na primeira, o autor expõe a parte metodológica da pesquisa, merecendo uma leitura especial o item – *Por que estudar a CUT?* (p. 36) – no contexto mais geral do renascimento do movimento social e sindical no Brasil. Na segunda parte o autor analisa o processo de formação e consolidação da CUT, desde as origens até a realização do Terceiro CONCUT em 1988, mostrando a constituição dessa nova força social no cenário político; na terceira parte discorre sobre a concepção sindical cutista, especialmente sobre a organização sindical, a organização no local de trabalho e a democracia. Na quarta parte, o autor investiga, por meio do confronto entre o discurso e a prática, as ambigüidades presentes no sindicalismo-CUT. Em suas considerações finais o autor reafirma a importância da

CUT em trazer as demandas dos assalariados para o cenário público e para a agenda política, mas aponta alguns dilemas da central no futuro, devido à existência de diversas práticas e diversos discursos ideológicos e sindicais, que em certo sentido prejudica a constituição de um projeto sindical mais claramente definido.

O leitor encontrará também a relação entre a trajetória da CUT e os diversos movimentos sociais e políticos do longo período do processo de democratização no Brasil. O autor, apoiado em dados dos Congressos (até o IV CONCURT de 1991) e em ampla pesquisa de campo com os militantes e lideranças das diversas tendências da CUT, traça um quadro realista das questões organizatórias e estratégicas da CUT, mostrando suas ambigüidades políticas e ideológicas e seus principais desafios propriamente sindicais: a liberdade e autonomia sindicais e a organização no local de trabalho.

Uma das principais questões examinadas por Jácome Rodrigues foi a passagem, ou mesmo a metamorfose no interior da CUT, de uma prática confrontacionista, fundada em um sindicalismo de oposição, antipatronal e antigovernamental, para uma prática contratualista, negociadora e institucionalizada. Esse processo foi possível, segundo o autor, porque sindicatos importantes desenvolveram essa perspectiva conflitiva e contratualista, abandonando a perspectiva socialista. O seu diagnóstico, naquele momento, mostrava que a CUT tenderia, de forma crescente, a optar pela versão negocial e contratualista, investindo grande parte dos seus recursos no fortalecimento do poder de negociação, da organização e da instituição. Exemplos dessa trajetória podem ser observados nos sindicatos dos metalúrgicos do ABC e dos bancários de São Paulo. Segundo o autor, essa tendência era quase inevitável, devido ao contexto de transformação no mundo do trabalho e das grandes dificuldades no futuro. Ou seja, a política sindical estava relativamente condicionada pela estrutura socioeconômica e também pela conjuntura política em mudança, não cabendo muitas alternativas de radicalização.

O V Congresso da CUT, ocorrido em 1994, momento em que Lula tinha nova oportunidade eleitoral, foi considerado tranquilo e sem surpresas em termos políticos e ideológicos e, nesse caso, acredito que o autor acertou o alvo em cheio. Ou seja, a tendência da articulação sindical, mais moderada no conjunto do sindicalismo cutista, manteve sua hegemonia.

Quanto ao VI Congresso, a disputa entre as tendências foi mais intensa, bem como o foram a politização e a ideologização dos temas discutidos, centrados na oposição a FHC e ao neoliberalismo globalizado, adiando o tratamento de diversas questões essenciais para o cotidiano do mundo sindical e do trabalho. As tendências mais à esquerda da CUT poderiam ampliar sua participação, ou mesmo passarem a dominar os cargos mais importantes da executiva nacional da central. Na última

hora, os acertos foram feitos e a chapa da Articulação Sindical, tendo à frente Vicentinho, reconquistou o poder ameaçado, com cerca de 52% dos votos e 13 cargos efetivos. Em segundo lugar, a chapa Alternativa Sindical Socialista, em composição com o MTS e a Articulação de Esquerda, obteve 30% dos votos e 8 cargos efetivos; em terceiro lugar, a chapa Corrente Sindical Classista obteve 13,5% dos votos e 3 cargos efetivos, e em quarto lugar, a chapa O Trabalho obteve 4% dos votos e 1 cargo efetivo. Uma das polêmicas principais durante o congresso residia na centralização do poder da CUT na figura de Vicentinho. E o resultado acabou por revelar aquilo que Jácome Rodrigues já apontava em sua pesquisa: que o poder da maior central sindical do País ficou bastante dividido, o que poderia trazer riscos de paralisia e de incapacidade de mobilização e de decisão sobre problemas importantes que afligem o mundo do trabalho, hoje.

No livro, há uma preocupação do autor para com um problema inerente à trajetória de crescimento da CUT: a burocratização. Por meio da análise de dados ilustrativos da institucionalização da central, o autor aventou a possibilidade de a CUT se transformar em uma burocracia como outra qualquer. Como se vê, trata-se de uma discussão de inspiração weberiana e, acredito, bastante pertinente, pois a burocratização leva à centralização do poder e do mando, e obsta a participação efetiva das bases, afirmando uma racionalidade, sobretudo econômica e pragmática, na condução das ações e dos interesses sindicais. Por fim, esse processo, segundo entendemos, poderia levar a identificar na CUT o crescimento do pragmatismo sindical ou mesmo de um sindicalismo de negócios, em detrimento da luta pela transformação social e de criação de alternativas política e nacionais. Reabre-se uma enorme polêmica, cujo contorno está no passado, mas também no presente, e se coloca para o futuro.

Só por isso a leitura atenta do livro em pauta é obrigatória para quem quiser uma visão mais abrangente e de processo da maior central sindical do País.

Ademais, o livro de Iram Jácome aborda outra questão importante, que torna sua leitura indispensável: trata-se da relação entre a CUT, os trabalhadores e a democracia política no Brasil.

Um dos pontos fortes do livro é mostrar a relação entre a trajetória da CUT e o processo de democratização no Brasil. Conforme a CUT se consolidava como a principal interlocutora dos assalariados dos diversos segmentos do mundo do trabalho, a saber, os trabalhadores industriais e de serviços, os trabalhadores rurais, os funcionários públicos e assalariados de classe média, esse processo, por si, representava um indicador da democratização brasileira. Concordando com o autor e acrescentando que, mais até do que isso, a presença de largo espectro de oposição, desde a social-democracia até o socialismo, na CUT, criava uma base sindical

relativamente forte, para uma política partidária de oposição, liderada pelo PT, com nítido crescimento nos anos 80, contribuindo para radicalizar o próprio processo de democratização, fazendo-o escapar ao controle direto das classes dominantes tradicionais e emergentes. Com isso entendemos, em parte, o porquê do fenômeno Collor como alternativa eleitoral assumida pelo conjunto das classes dominantes e também por parte das classes médias e populares conservadoras. Foi ganho o tempo necessário; “deletado” o Collor, surge o fenômeno Itamar Franco. Esse processo acabou por consolidar, por meio das alianças políticas e sociais, o fenômeno FHC, oriundo do campo democrático, anulando, mais uma vez, o sonho cutista de ver um trabalhador e ex-sindicalista no poder político central.

O que estamos querendo assinalar é que se a CUT foi parte essencial da democratização brasileira até 1988, após 1989 transforma-se em espectadora de crescentes derrotas políticas e sociais, limitando bastante o escopo da democracia no Brasil, pelo menos no que se refere aos interesses mais amplos do mundo do trabalho.

Como explicar, por exemplo, que a democratização no Brasil ainda tenha um caráter tão restrito e corporativo, quase como um arranjo que favorece as elites e as classes médias emergentes e prósperas, em detrimento das massas populares dependentes do trabalho para viver. Refiro-me ao conjunto da classe trabalhadora (masculina e feminina), incluindo empregados, desempregados, precários, terceirizados, trabalhadores rurais, sem-terra, sem-teto, e deserdados em geral.

Será que a CUT, ao representar importante força social para o processo de democratização no passado, não demonstrou, neste mesmo aspecto, uma certa fraqueza para a necessária e urgente radicalização da democracia no Brasil? A CUT, ao restringir sua representatividade aos trabalhadores do mercado formal de trabalho, continuará sendo um fator importante do processo de democratização, ante as transformações econômicas em curso? Qual o lugar dos deserdados do mundo do trabalho na CUT?

Certamente as relações entre o sindicalismo e a política são o assunto preferido do autor e mereceriam uma discussão muito mais aprofundada do que permitem os limites dessa resenha.

A CUT tem muitos desafios pela frente, sendo o principal a capacidade de articular suas ambigüidades e divergências internas com a realidade concreta do mundo do trabalho em transformação acelerada no Brasil de hoje.

O livro de Iram tem o mérito de provocar a imaginação histórica e crítica e de fazer pensar os desafios futuros do movimento sindical no Brasil.